

Os guardiões do Grande Segredo

Ele retesou a musculatura do peito nu, enrijeceu os braços grossos como galhos de uma noqueira centenária e os grilhões apertaram-se ainda mais, cortando a pele e fazendo sangrarem-lhe os pulsos. Com o esforço, seus bíceps quase explodiam sob a pele, rivalizando em rigidez com a rocha onde se fixavam as pesadas correntes.

Ergueu a cabeça. Acima dela nada mais havia a não ser o céu escuro, carregado de nuvens prenas de uma tempestade prestes a desabar. Abaixo, só a rocha da cordilheira imensa, no cimo da qual projetava-se seu corpo acorrentado.

Seus olhos fixaram-se um pouco mais além, na pequena mancha negra que se destacava na neve que cobria a montanha. Lá estava o abutre, negro e faminto, pronto a bater as asas para o cumprimento da sentença que os havia condenado a uma sinistra interação por toda a eternidade.

Nada havia que ele pudesse fazer para mudar o destino de ambos. Nada. Nada que interferisse, que mudasse a direção de um par de destinos tão desimportantes, se comparados com a estupenda reviravolta que sua ação havia provocado. Graças à sua desobediência, o mundo nunca mais seria o mesmo.

A partir daquele momento, porém, ele tinha de aceitar as consequências de sua ousadia. E baixou o olhar, resignado...

* * *

As duas pesadas folhas da imensa porta giraram nos gonzos, rangeram e abriram-se, escancarando-se como braços de carvalho que quisessem abarcar toda a amplitude do interior do Templo.

Ocupando menos de um quarto da altura do retângulo de luz que a porta projetava, silhuetou-se o corpo redondo de Petrus, o Guardião da Oceania.

Atrás de si, as portas fecharam-se molemente, com seu rangido sinistro.

O recém-chegado varreu com os olhos a vastidão do ambiente suavemente iluminado por cinco claraboias. Através delas, o Sol filtrava-se a quinze metros acima das cabeças das três misteriosas figuras que já aguardavam em seus tronos almofadados. Completando um semi círculo, mais

dois tronos vazios, nas duas extremidades, brilhavam sob a luz de suas respectivas claraboias, que funcionavam como holofotes direcionais.

Sem ao menos cumprimentar os companheiros, o Guardião da Oceania encaminhou-se para o trono que lhe correspondia.

O silêncio e a imobilidade deram-lhe as boas-vindas. Sorrateiramente, seus olhos, apertados pela gordura das pálpebras, escorregaram para o trono a seu lado: envergando uma túnica rubra e brilhante, Roxana, a Guardiã da Europa, ali permanecia ereta, pálida como uma nuvem do amanhecer de um verão, esguia como uma serpente que se projeta de um cesto sob o encanto de um flautista imaginário. Seus lábios mal se moveram, e as palavras emitidas, apenas sussurradas, ressoaram pelas altas paredes do Templo, debatendo-se em busca de alguma fresta para fugir da solenidade ameaçadora daquela reunião:

– Ainda falta um...

– Falta! – do trono central, rugiu a voz forte de Aloisius, o Guardião da Ásia, que, enorme e pesadamente, sacudia-se dentro do manto de veludo bordado. Seu largo chapéu de feltro sombreava-lhe o rosto. De dentro dessa sombra, porém, dois olhos brilhavam furiosos, com luz própria, revelando quem comandava a Confraria dos Guardiões do Grande Segredo. – É sempre Leon, o Guardião da América. Sempre ele! Há cem mil anos é sempre ele a atrasar-se. Isso é de tirar a paciência de qualquer um!

– Se vós não perdestes a paciência em cem mil anos, Aloisius, não será agora que... – começou Rogerius, o Guardião da África. Rebrilhando à luz da claraboia que correspondia ao seu trono, sua calva morena, redonda e lisa era orlada em torno da nuca e das orelhas por longas trancinhas negras que lhe desciam envolvendo o corpo como uma cortina, até tocarem o chão de pedra.

– Paciência?! – explodiu o mau humor de Petrus. – Nós somos os Guardiões do Grande Segredo. Nossa paciência é tudo o que podemos ter. Somos eternos como nossa missão. E ela jamais terá fim. Para nós não há fim! Não há fim!

– Somos condenados a nunca ter fim... – sussurrou Roxana, como o faria uma sacerdotisa de um futuro ainda longínquo antes de cravar a adaga ritual no peito da vítima humana amarrada à sua frente na ara de sacrifício.

– Então por que esta convocação? Ou há mais de um segredo entre nós? – continuou a ira de Petrus. – O que há que foge do meu conhecimento? Por que fomos convocados? Eu exijo que...

– Calado, Petrus! – trovejou Aloisius, erguendo a mão espalmada. – Aguardemos Leon. Nada posso revelar enquanto os cinco membros da Confraria do Grande Segredo não estiverem presentes!

Nenhuma voz discordou dessa ordem e, a partir daquele momento, como na paralisia de uma foto, nem um som ou movimento perturbava a espera. Estranhamente, apesar da passagem fúnebre do tempo, a luz solar não se movia e seus cinco fachos continuavam, fantasmagoricamente, a clarear de cima para baixo as quatro figuras imóveis em seus tronos.

Naquela dimensão, o tempo era impalpável, seu cálculo impossível. E foi num momento seguinte, do tamanho de um segundo ou de um século, que a entrada de Leon demonstrou-se mais ruidosa do que a anterior. A grande porta abriu-se como se explodisse e nos umbrais surgiu a silhueta do Guardião da América, envolto em um manto salpicado de estrelas e listrado verticalmente de branco, azul e vermelho. Silenciosamente, sem nada alegar como justificativa por seu atraso, Leon preencheu o último trono, cruzou as mãos sobre as pernas e imobilizou-se.

Dessa vez, a mudez da reunião já era nervosa, expectante. Lentamente, quatro cabeças giraram em seus pescoços e oito olhos fixaram-se no trono central.

Era chegada a hora.

– Confrades... – hesitou Aloisius, demonstrando a dificuldade do que tinha a revelar. – Há duzentos milhões de anos, éramos um só, éramos o espírito da Pangeia, a alma de toda a Terra, vagando pelas águas do Pantalassa, que nos envolvia como uma placenta salgada. Explodimos primeiro nas duas metades, Gondwana e Laurássia, e depois nos cinco pedaços que somos. Isso somos, como os dedos de uma só mão: um em cinco, cinco em um, escravos de nossa missão...

Do seu trono, veio a voz de Leon:

– Nunca teremos fim, porque nossa missão de Guardiões do Grande Segredo jamais terminará. Para nós, o agora é o sempre...

– O agora é o sempre! – repetiu Rogerius.

– O agora é o sempre! – reforçou Roxana.

– O agora é o sempre... – resmungou Petrus, contrariado.

Aloisius retomou a palavra, calmamente:

– Verdade. Esta sempre foi a nossa verdade, mas...

Os quatro sustiveram a respiração, pois cada um adivinhava que, após o discurso

hesitante e cuidadoso do líder, teria de haver um “mas”.

– Mas chegou o momento em que temos de entender o significado da palavra “agora”. Nossa missão... nossa missão, confrades, agora chegou ao... ao fim...

A última palavra arrepiou os ouvintes como se um vento gelado tivesse conseguido invadir o Templo. Nenhum deles nada comentou, no aguardo do detalhamento de uma afirmação tão definitiva. O fim da Confraria dos Guardiões do Grande Segredo? O fim de uma missão que deveria ser eterna?

– Confrades...

O Guardião Aloisius espalmou as mãos nos braços do trono e ergueu a voz empossada, certo de suas palavras ecoarem nas paredes e na atenção dos quatro companheiros:

– Há séculos não vimos ao Templo, por não haver razão para que se reunisse a Confraria dos Guardiões do Grande Segredo. Agora, porém, o infortúnio nos força a tomar um decisão. Precisamos ponderar com calma, sem a impaciência de Petrus...

Incomodado com a citação de seu nome, o obeso Guardião da Oceania revolveu-se no trono. Seus pés, calçados em pantufas pontudas, mal alcançavam o chão.

– ... sem a impaciência de Petrus e decidir como enfrentar o caos que certamente advirá do acontecimento que tenho de relatar...

Nenhum movimento era percebido entre os quatro que o ouviam, mas a expectativa impedia-os de respirar.

– Confrades... Roxana, Petrus, Rogerius, Leon... Depois de milênios, apesar de toda a nossa dedicação, de todos os nossos cuidados, tenho de confessar que falhamos: o Grande Segredo... O Grande Segredo foi roubado!

* * *

A mancha negra movia-se lentamente. De seu corpo, asas abriam-se paralelas numa larga envergadura. Bateram-se uma, duas vezes, e o corpo do grande abutre ergueu-se da pedra onde pousava.

Contra o negrume da noite, um negrume mais intenso aproximava-se, flanando na direção do homem acorrentado. Voejou em círculos em torno do cimo da montanha, cercando o prisioneiro que nada podia fazer para defender-se.

Desviando o olhar da ave agourenta, o pouco que o homem pôde divisar, muito, muito abaixo no abismo, quase o fez sorrir de orgulho. Lá, no vale, minúsculos pontos luminosos destacavam-se como pirilampos, rompendo a noite e mostrando que o sacrifício fazia sentido.

O abutre pousou a seus pés.

* * *

– Quem? Quem foi o culpado? – os lábios de Leon tremiam, como se cada sílaba se esforçasse para ser emitida.

– O culpado já recebeu sua condenação – informou Aloisius, desoladamente. – Para sempre estará acorrentado no alto da cordilheira, ao sul da minha região. E, lá, um abutre...

– Que importa castigar o culpado! Se ele entregou o Grande Segredo para os outros, tudo estará perdido!

– Sim, Rogerius – finalizou o líder. – Foi isso o que ele fez. O Grande Segredo já é do conhecimento de muitos...

– Será o caos! – berrou Petrus, pulando de seu trono, enlouquecido pela surpresa e pela antevisão das tremendas consequências do ocorrido. – O Grande Segredo! Nas mãos deles!

– Falhamos vergonhosamente! – assumiu Rogerius.

– É o nosso fim! – confessou Roxana. – O fim de tudo!

– Será o desequilíbrio! – sentenciou Leon. – Eles agora têm o Poder. Jamais saberão fazer bom uso dele! Vão destruir-se! Destruir-se! Será a guerra!

– Será a chacina! – acrescentou Rogerius.

– Será a morte! – rematou Roxana.

A voz forte de Aloisius sobrepôs-se ao desespero reinante:

– Um momento! Ainda há uma esperança!

– Esperança? – repetiu Petrus, com cinismo. – Com o poder do Grande Segredo nas mãos, eles se destacarão do restante, dominarão, construirão aparatos com o propósito de dominar a Terra, mas só o que conseguirem será matarem-se uns aos outros!

* * *

As pernas do prisioneiro estavam envoltas por pesadas correntes que prendiam-se à rocha. Nenhum movimento era possível.

O abutre, sem pressa, apenas ergueu o corpo, esticou o pescoço e seu bico recurvo cravou-se na carne do homem.

A laceração, a incisão profunda, nailharga direita, esguichou sangue.

Na ponta do bico, a ave trazia um pedaço do fígado do acorrentado...

* * *

Aloisius tentava dominar a balbúrdia que sua revelação havia provocado e explicava:

– O culpado já recebeu sua condenação. Até o fim dos tempos, seu fígado será devorado e...

– Não importa quem seja o culpado, nem qual possa ser o seu castigo! – cortou Leon. – Não importa que ele seja punido. Já é tarde demais, para que possamos fazer qualquer coisa. Os homens já têm o domínio do Grande Segredo e as profecias se confirmarão. Só posso antever o que elas vaticinaram: no início, os homens usarão o Grande Segredo para afastar as feras à noite, para aquecerem e iluminarem suas cavernas, para cozerem seus alimentos. Mas logo aprenderão a deturpar este poder. Logo ele será transmutado em massacres, em armas destrutivas, antinaturais! Será o caos! O fim de tudo!

* * *

A dor do abdômen dilacerado explodia em seu cérebro, mas Prometeu levantou a cabeça para os céus e gritou, mesmo sabendo que não podia ser ouvido:

– Consegui! Eu roubei o segredo que nos libertará! Agora não haverá mais deuses que nos possam controlar! Não haverá mais desafios que não possamos enfrentar! Não haverá mais dúvidas que não possamos resolver! Temos o controle do fogo! Podemos dominar a Natureza! Temos nas mãos o nosso próprio destino! O futuro da Humanidade será construído por nós mesmos!

Com o estrondo do mais poderoso trovão, as nuvens desabaram impiedosas, lavan-

do o corpo do supliciado. Seu sangue escorreu fervendo pela rocha, cavou sulcos na neve, esgueirou-se pela enxurrada e acabou por empoçar-se num ponto do sopé do Cáucaso, na entrada de uma caverna, em cujo interior o fogo brilhava intensamente.

* * *

No imenso salão do Templo, os Guardiões falavam todos ao mesmo tempo, elevando a voz, entrando em desespero.

Foi nesse momento que os braços de Aloisius abriram-se completamente e logo fecharam-se, fazendo com que as palmas das mãos se encontrassem num estrondo. Não foi apenas um bater de mãos – foi uma explosão que a todos calou.

– Confrades – recomeçou Aloisius falando baixo, convencido de que conseguira o controle da situação. – As profecias são lógicas, sim, mas penso haver uma esperança.

O corpo esguio da Guardiã Roxana projetou-se, incrédula, na pose de uma pantera albina que preparasse o bote:

– Uma esperança que pode contrapor-se à certeza de uma profecia? Impossível!

– Aceitemos a derrota, Aloisius... – desanimado, Rogerius desabava em seu trono.

– Um momento! – continuou o líder da Confraria do Grande Segredo. – Vamos pensar no modo como está a vida organizada. Temos apenas três tipos de vida sobre a Terra...

– Três? – gozou Leon. – Há milhões!

– Apenas três, se eu tiver a oportunidade de terminar o que penso. Há os seres que já nascem tudo sabendo. Nascem sabendo o que precisam saber para lutar pela sobrevivência, para procurar alimento e para reproduzirem-se.

– Como o quê? – perguntou Petrus. – Como um verme?

– Há um outro grande grupo que nasce sabendo alguma coisa – prosseguiu Aloisius, ignorando a interrupção. – Que nasce com algum instinto, sabendo lutar por comida, mas que, ao longo da vida, tem a oportunidade de aprender coisas novas. Mas, ao morrer, seus filhotes não herdarão nada desse aprendizado e terão de passar novamente por todo o processo de seus pais, de seus avós, de seus mais longínquos antepassados, sem que essas espécies jamais possam progredir com o que cada geração aprendeu por seu turno...

– Como um cão? Ou um macaco?

Aloisius concentrava-se, negando-se a permitir que as interrupções o desviassem de seu foco:

– E há este terceiro grupo, que nasce sabendo muito pouco e que tudo tem de aprender durante toda a vida. E são estes que agora têm o conhecimento do Grande Segredo!

– Sim! – acrescentou Roxana. – Mas estes são os piores, pois o que aprendem pode ser transmitido às novas gerações. Esqueces-te de que nós lhes concedemos o poder da fala?

– O poder da fala! – rosnou Petrus, como se rugisse. – Lembro-me muito bem quando vós decidistes conceder a eles o poder da fala. E vós talvez vos lembreis que eu fui contra. Fui contra! Fui voto vencido... Eu sabia que isso não iria dar certo!

– Não! – tonitruou Aloisius. – Nós nada lhes concedemos. Eles conquistaram o poder da fala. Nós apenas decidimos por não intervir, embora Petrus tivesse argumentado que interviéssemos para calá-los.

– Bom... – gaguejou Petrus. – Na verdade eu...

Aloisius cortou a explicação, brutalmente:

– A verdade é que eles podem transmitir o que aprendem às novas gerações através da palavra falada, mas as profecias já antecipavam o que na realidade acontece: o que é transmitido modifica-se, adultera-se, deforma-se enquanto passa de boca para ouvidos, dos ouvidos novamente para a boca, que buscará outros ouvidos, uma, duas, muitas vezes.

– E aí reside a desesperança das profecias – argumentou Rogerius, com sua voz calma, mas cujas palavras só traziam desalento. – Essas deformações sempre trilharão os piores caminhos, percorrerão as trilhas do ódio e da guerra, ainda que, em sua origem, o que se tenha pretendido transmitir fosse até mesmo uma descoberta boa, ou inocente, ou positiva. Não adianta alimentarmos essa esperança de que falas, Aloisius. Nós, os Guardiões do Grande Segredo falhamos, permitimos que os homens descobrissem o caminho do progresso e iniciassem a construção do seu próprio fim. E, como também está profetizado...

– Também seremos punidos... – acrescentou Leon.

– E desapareceremos como se jamais tivéssemos existido... – completou Roxana.

Tremendo, Aloisius elevou a voz, num último esforço de convencimento:

– Sim! Desapareçamos! Deixemos que seja cumprida a profecia de nosso fim, da

punição por nosso fracasso. Mas podemos mudar o futuro!

– Como?

– Abrindo a caixa da Eternidade!

Os quatro puseram-se de pé, estarecidos:

– Como?! Nosso último segredo?

Os olhos de Aloisius brilhavam, molhados, quando ele concluiu:

– Sim. Vamos conceder-lhes o maior dos poderes. Com ele, a Humanidade poderá registrar suas conquistas, sem adulterações, sem desvios, sem malentendidos. E cada discordância dessa opinião também poderá ser registrada por seu turno, contrapor-se, enfrentá-la, mas nunca anulá-la. Com esse poder nas mãos da Humanidade, nenhuma ideia, nenhuma descoberta, nenhum sonho, jamais poderá ser apagado da face da Terra!

Os trovões explodiram ferozes, uns após outros e a enxurrada demoliu o Grande Templo, como um castelo construído na areia desfaz-se com a chegada das ondas do mar. Logo, só restava uma massa imensa e informe dentro da qual não seria possível distinguir o que havia sido muralha ou o que havia sido a matéria inconsútil dos cinco Guardiões do Grande Segredo...

* * *

A entrada da caverna estava coberta por um conjunto de peles de animais, costuradas umas às outras, e muitos aglomeravam-se em volta do calor da fogueira. O grupo havia conseguido caçar um pequeno herbívoro e agora a carcaça do animal dourava-se pendurada a um gancho que se erguia sobre o fogo. Um cheiro agradável espalhava-se pela caverna e aguçava o apetite de todos.

Um bebê chorava e uma mulher abria as peles que lhe cobriam o torso, oferecendo o seio à cria esfomeada.

Um velho sentava-se sobre as pernas e pegava uma vareta da pilha de galhos recolhidos para alimentar o fogo. Com uma das mãos, alisava a terra e, com a outra, começava a traçar sinais com a vareta. A sua volta, alguns do grupo, na maioria jovens, observavam a operação atentamente. Uns balançavam a cabeça, demonstrando compreender e provando que aquela não era a primeira vez em que o velho lhes ensinava o significado daqueles

sinais. Um menino, porém, parecia confuso:

– E... T... E... N... I... Não consigo entender, avô...

O velho sorriu e explicou, com a paciência dos que aprenderam e sabem que é preciso transmitir esse aprendizado aos outros, antes de morrer, para não morrer jamais:

– Esqueceste de perceber um dos sinais. Vês? E T E R N I D A D E.

– É isso o que está escrito, avô? Mas o que quer dizer Eternidade?

O velho suspirou e olhou para o brilho fascinante do fogo:

– Difícil explicar... Eternidade é... Sonhei com isso... Para mim, é o que eu consigo conquistar quando risco a areia com este graveto...

O velho calou o relato de seu sonho. Ele já descobrira como gravar aqueles sinais na pedra, usando outra pedra mais dura. Já descobrira até como gravar os sinais usando o dedo para desenhar com o caldo escuro de um fruto. Em seu sonho, aqueles sinais tinham uma força, um poder que ele não conseguia explicar.

Aonde aquele sinais os levariam? Para o velho não importava. O que ele sentia era a obrigação de ensiná-los aos mais jovens, antes de morrer...